

AS NOMINAÇÕES NA CLÍNICA NODAL DE ADOLESCENTES

*Carla Almeida Capanema**

*Fabian Fajnwaks***

*Ângela Maria Resende Vorcaro****

RESUMO

O seminário lacaniano *R. S. I.* trabalha a possibilidade de se prescindir do Nome-do-Pai como uma amarração para os três registros da realidade psíquica. Nele, as nomeações imaginária, simbólica e real são abordadas como modalidades de um quarto elo do nó borromeano, que mantém enlaçados R, S e I como função de reparação do lapso do nó. Partindo dessa teoria, este artigo objetiva trabalhar a clínica nodal de adolescentes, tomada como um momento singular para a construção de uma nova amarração R.S.I. Buscou-se trabalhar as nomeações em um caso clínico de um adolescente, explicitando os tipos de enlçamento presentes nesse caso. Lacan realiza a passagem do Nome-do-Pai aos Nomes do Pai, constatando ao final que o nó borromeano de três elos é sempre falho e que as nomeações vêm reparar o lapso do nó para todo ser falante. Neste artigo, constata-se a relevância do período da adolescência como um momento especial para a construção dessa amarração que venha suportar o nó borromeano.

Palavras-chave: nomeação; clínica nodal; adolescência; nó borromeano, nomes-do-pai.

NOMINATIONS IN THE NODAL CLINIC AMONG TEENAGERS

ABSTRACT

The Lacanian Seminary R. S. I. works with the possibility of dispensing the Name-of-the-Father as a mooring for the three registers of psychic reality. In that situation the imaginary, symbolic and real nominations are approached as modalities of a fourth link of the Borromean knot, which

*Psicanalista, Pós-Doutoranda em Teoria Psicanalítica pela UFMG (Bolsista da CAPES/PNPD).

**Psicanalista, Mestre de Conferências da Université de Paris VIII, Membro da École de la Cause Freudienne e da Association Mondiale de Psychanalyse.

***Psicanalista, Pesquisadora CNPQ, Professora Sênior do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG.

hold R, S, and I as a function of repairing the lapse of the node. Based on this theory, this article aims to work the nodal clinic of adolescents, taken as a singular moment for the construction of a new mooring R.S.I. We sought to work the nominations in a clinical case of an adolescent, explaining the types of entanglement present in this report. Lacan performs the passage of the Name-of-the-Father to the Names of the Father, noting in the end that the Borromean knot of three links is always flawed and that the nominations come to repair the lapse of the knot for every talking being. In this article, the relevance of the adolescence period is verified as a special moment for the construction of this mooring that will support the Borromean knot.

Keywords: nomination; nodal clinic; adolescence; borromean knot; names of the father.

NOMINATIONS DANS LA CLINIQUE NODALE DES ADOLESCENTS

RÉSUMÉ

Le Séminaire Lacanien R. S. I. travaille la possibilité de se passer du Nom-du-Père comme amarre pour les trois registres de la réalité psychique. Dans le cas, les nominations imaginaires, symboliques et réelles sont approchées comme des modalités d'un quatrième lien du nœud borroméen, qui tient R, S et I en fonction de la réparation du lapsus du nœud. Basé sur cette théorie, cet article a l'intention de travailler la clinique nodale de l'adolescent, prise comme un moment singulier pour la construction d'un nouveau lien entre R.S.I. On a cherché à travailler les nominations dans un cas clinique d'un adolescent, en expliquant les types d'amarrage présents dans ce cas. Lacan effectue le passage du Nom-du-Père aux Noms du Père, notant à la fin que le nœud borroméen de trois liens est toujours défectueux et que les nominations viennent réparer le lapsus du nœud pour chaque parlêtre. Dans cet article, la pertinence de la période d'adolescence est vérifiée comme un moment spécial pour la construction de cet amarrage qui soutiendra le nœud borroméen.

Mots clés: nomination; clinique nodale; adolescents; nœud borroméen; noms du père.

INTRODUÇÃO

O título do *Seminário R. S. I.* (1974-1975), na língua francesa, é homofônico à palavra *hérésie*, ou seja, heresia. Portanto, ao mesmo tempo que opera com letras para cifrar a necessária conjunção /distinção das

*dimensões*¹ real, simbólica e imaginária no campo em que o ser falante se precipita, por meio da articulação RSI essas implicam a heresia lacaniana ao Complexo de Édipo freudiano. Afirmando que Freud sonhara ao tomar o Nome-do-Pai como elo suplementar responsável pelo enlaçamento entre real, simbólico e imaginário, ao reconhecê-lo como realidade psíquica ou religiosa, Lacan interroga a possibilidade de prescindir do Nome-do-Pai, pois:

nosso Imaginário, nosso Simbólico e nosso Real estão talvez para cada um de nós ainda num estado de suficiente dissociação para que só o Nome do Pai faça nó borromeano e mantenha tudo isso junto, faça nó a partir do Simbólico, do Imaginário e do Real (Lacan, 1974-1975, em 11/02/75).

Mesmo admitindo a necessidade de algo que articulasse os três registros, Lacan considerou a precariedade paterna para estabelecer essa função, precariedade que conduziria o próprio sujeito a articular R, S, I, inventando uma suplência ao Nome-do-Pai. Podemos dizer que, a partir da constatação do Complexo de Édipo como um sonho de Freud (no *Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970/1992, p. 134) e da introdução do nó borromeano (a partir do *Seminário, livro 19: ...ou pior* (1971-1972/2012), Lacan aos poucos se desembaraça do Nome-do-Pai, encontrando um modo de figuração da função de suplência dos “Nomes-do-Pai”.

É na última lição do *Seminário R. S. I.* (1974-1975) que Lacan conclui que não existe nó borromeano de três para o ser falante, pois há sempre uma falha no nó borromeano de três dimensões. Assim, são possíveis múltiplos tipos de enodamentos na estrutura do nó de quatro elos para que seja possível amarrar juntos os três registros da realidade psíquica. À diferença da proposição freudiana do complexo de Édipo como eixo articulador da realidade psíquica de um sujeito, ao implicar singularmente seja o Simbólico, o Imaginário ou o Real, o nó borromeano, como veremos, gira em torno não de um, mas de diferentes Nomes-do-Pai: “[...] os nomes do pai, é isso: o Simbólico, o Imaginário e o Real. Eles dão sentido, nomeiam algo do Real” (Lacan, 1974-1975, em 11/03/75).

Este artigo tem como objetivo explicitar a teoria das nomeações² em R.S.I. e articulá-las clinicamente à adolescência, tomada aqui como um momento próprio para a construção de uma nomeação passível

de sustentar a função borromeana do nó, de modo a manter constritos os elos real, simbólico e imaginário. A abordagem da adolescência pela clínica nodal é um terreno privilegiado que nos permite pensar as diversas possibilidades de enodamento entre o Real, o Simbólico e o Imaginário, numa aposta em que as contingências podem ser tomadas como oportunidades de amarrações, de atamentos singulares.

Por meio de um extrato clínico, procurar-se-á verificar o desdobramento da paternidade na estruturação psíquica de um adolescente e localizar as diferentes formas de enodamento que favoreceram o enlace ou o desenlace de seu “nó mental”.

O QUE É A CLÍNICA NODAL?

A despeito de ter tratado detidamente o simbólico, o imaginário e o real, Lacan fala pela primeira vez do nó borromeano no *Seminário, livro 19: ...ou pior* na lição de 9 de fevereiro de 1972 (1971-1972/2012), onde menciona haver tomado conhecimento da existência do brasão de armas da família Borromeu. O brasão dessa dinastia milanesa é constituído de três círculos, simbolizando uma tríplice aliança. Se um dos anéis for retirado, os outros dois ficam livres.

Desde o início, Lacan mostra-se entusiasmado com o nó borromeano falando que ele lhe vem como um anel no dedo, e, no percurso de seu ensino, ele faz uso desse anel de distintos modos, o que traz consequências importantes para a teoria e clínica lacaniana. O nó borromeano, apelidado de “rodinhas de barbante” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 126), se tornou fonte de interesse cada vez maior para Lacan. Para ele, o manejo do nó borromeano é uma demonstração do Real da clínica, uma “mostração”, palavra que se afina com a ideia do inconsciente como impossível de se demonstrar completamente. Todo ser falante tem um núcleo de Real que escapa ao controle, como testemunha Millot (2017) ao escrever sobre sua convivência com Lacan:

Um dia, contudo, ele estava manipulando as rodinhas de barbante que ele tanto gostava de modelar e, de repente, me disse: “está vendo, isso é você!”. Eu era – como qualquer um, não importa quem – aquele real que escapava ao seu controle, que tanto mal lhe fazia. Vi-me bruscamente compelida a levar em conta o que em mim lhe resistia como só o real resiste (Millot, 2017, p. 6).

A estrutura do ser falante pode ser pensada como um nó borromeano de três círculos, em que cada “rodela” representa uma das três instâncias psíquicas: Real (R), Simbólico (S) e Imaginário (I). Com esses anéis, Lacan iguala os três registros, desfazendo-se da hegemonia do Simbólico contida em seu primeiro ensino.

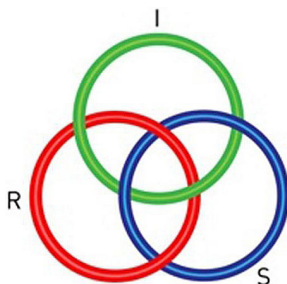


Fig. 1 - Nó borromeano de três elos
Fonte: Capanema, 2015

Cada um desses anéis se relaciona com os outros dois em um modo de alteridade, nenhum deles se ligando exclusivamente ao outro, sempre havendo um terceiro que está mediando. Assim, se cortamos qualquer um dos três círculos, todos se soltam, nenhum depende exclusivamente do outro, cada um depende do enodamento entre os três.

Para Lacan, o único modo de dar aos três termos uma medida comum é enlaçando-os no nó borromeano: “Só encontrei uma única forma de dar a estes três termos, Real, Simbólico e Imaginário, uma medida comum, que é enlaçando-os neste nó bobô... borromeano” (Lacan, 1974-1975, em 10/12/1974).

O sujeito está triplamente determinado por três cordas que podem ser distinguidas mesmo que cada uma tenha seu furo, sua consistência e sua “ex-sistência”, ou seja, há consistência em R., S., I.; há buraco em R., S., I., e há “ex-sistência”, em R., S., I.. Mas, embora cada registro possua seu furo, sua consistência e sua “ex-sistência”, podemos relacionar a “ex-sistência” ao Real, pois há alguma coisa de impensável; o furo ao Simbólico, pois há um equívoco fundamental em relação a essa coisa; e a consistência ao Imaginário, pois há um sentido que responde por essa coisa.

Dessa maneira, ao falar em equivalência entre os registros, Lacan não supõe que eles sejam iguais. Todos são distintos entre si, e é na medida em que são diferentes, heterogêneos, que fazem Um, que fazem o nó borromeano. Ou seja, esses três registros têm o mesmo valor em relação ao próprio nó borromeano que será, doravante, o lugar do verdadeiro Real relativamente aos três registros tomados separadamente (Fajnwaks, 2014).

Milner (1996) nos esclarece em *A obra clara* que o nó não é uma metáfora e tampouco literal, mas ele pode suportar letras (R.S.I.). O borromeianismo mostra o literal, ele é uma “mostração do Real”, mas ele próprio (o nó) não está integralmente literalizado:

[...] o nó assinala o retorno dos dramas [...]; [...] não havia Outro do Outro, nem metalinguagem; não há matema do matema, nem letra da letra; há apenas o nó, que permanece rebelde a uma literalização integral, por mais longe que levemos a literalização (Milner, 1996, p. 132).

O nó borromeano permite que Lacan trabalhe de outra forma com o Real. Ele se pergunta qual o sentido do Real e a manipulação do nó nos permite nos aproximar do Real pelos efeitos no Imaginário e no Simbólico, pela “ex-sistência” que fura cada um dos registros. Lacan nos ensina que a noção de inconsciente se suporta no nó: “O inconsciente é o Real. Se digo é o Real é por ser furado” (Lacan 1974-1975, em 15/04/1975). O Inconsciente é o Real porque o *falasser* é afligido pela única coisa que faz furo, o significante.

O QUARTO ELO COMO NOMINAÇÃO

O nó de quatro rompe com a homogeneização entre os três anéis, o Simbólico, o Imaginário e o Real terminam heterogêneos. O quarto introduz a dissimetria e, com ela, a diferença entre os registros, pois de três consistências nunca se sabe qual é Real. Pelo acréscimo do quarto elo, cada um dos três anéis pode ser colocado em relação como aquele da nominação.

Mesmo que sejam três, isso faz quatro, donde minha expressão mais-uma. E será retirando uma, real, que o grupo se desata [...] Em três não se sabe nunca qual das três é real, e é por isso que é necessário que sejam quatro (Lacan, 1974-1975, em 15/4/75).

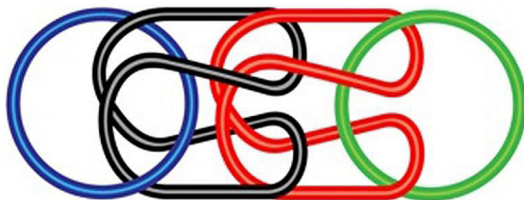


Fig. 2 - Nó borromeano de quatro elos estirado

Fonte: Capanema, 2015

A nomenclatura foi articulada por Lacan com a função do pai, que sofreu também os efeitos da mudança do enodamento da cadeia de três para quatro anéis. Do “Nome-do-Pai” desenvolvido desde o início de seu ensino ao “pai como nomeante”, que passa a ser reconhecido em que “sua função radical é de dar um nome as coisas, com todas as consequências que isso comporta até o gozo, notadamente” (Lacan, 1974-1975, em 11/03/1975).

Essa definição do “pai como nomeante” se desdobrará de um lado em o “Pai do nome”, ou seja, aquele que permite nomear um real, e de outro lado, o pai do gozo, que é o que Lacan chamará em “R.S.I.”, a *père-version*, afirmando que um pai não tem direito ao respeito e ao amor se não é perversamente orientado, ou seja, que ele faça de sua mulher um objeto *a* (Lacan, 1974-1975, em 11/03/1975). Essa definição do *mais-de-gozar* do pai tem efeitos no campo do sujeito como um traço que faz marca como sintoma, como resposta ao gozo do pai (Fajnwaks, 2014).

Lacan começa a se interrogar sobre o estatuto do pai, ligando-o ao sintoma e implicando-o em uma posição subjetiva de crença. E articula o buraco constitutivo do simbólico com o Nome-do-Pai:

Não consideramos o fato da interdição do incesto como histórico. Ele é estrutural. Por quê? Porque há o simbólico. É no buraco do simbólico que consiste esse interdito. É preciso o simbólico para que apareça individualizada, no nó, essa coisa que eu não chamo tanto de complexo de Édipo, não é tão complexo assim, chamo isso de o Nome-do-Pai. O que só quer dizer o Pai enquanto Nome não quer dizer nada de início, não só o pai como nome, mas o pai como nomeador (Lacan, 1974-1975, em 15/04/75).

O buraco no Simbólico é articulado com o Deus do antigo testamento que diz *ehié asher ehíé*, traduzido em *O seminário 22: R. S. I.* (1974-1975) por “Eu sou o que sou”, esse Deus definido como causa de si mesmo, que não remete a nenhum outro significante. No hebraico, *ehié asher ehíé* quer dizer *serei o que serei*, conjugado no futuro, introduzindo uma dimensão mais enigmática que o presente da tradução do grego que faz Santo Agostinho. *Serei o que serei* se aproxima mais do furo no Outro, que supõe esse tipo de autonominação, um enigma no que diz Deus a Moisés que instala um vazio, mas que ao mesmo tempo inscreve uma marca que lança o sujeito para a escrita possível desse impossível de representar.

Aí não se pode dizer que os judeus não foram legais, eles explicaram bem o que era o Pai, eles chamam o Pai, o Pai que eles enfiam num ponto de buraco que nem se pode imaginar; eu sou o que sou, isto é, um buraco. Bom, é daí que, por um movimento inverso, se acreditarem nos meus esqueminhas, um buraco turbilhona, ou melhor, engole, mas há momentos em que se cospe de volta. Cospe o quê? O Nome. É o Pai enquanto Nome (Lacan, 1974-1975, em 15/04/75).

Constata-se uma mudança do conceito do Nome-do-Pai com o nó borromeano. O enigma da resposta do pai é o furo no simbólico que “cuspiu” para Lacan as nominações paternas e com isso a distinção do pai como nome ao pai nomeante.

Se, até esse momento, o enodamento dos três registros era tomado como eminentemente simbólico, devido à metáfora paterna estabelecida na saída do complexo de Édipo, o privilégio da nominação de qualquer dos registros, como elo que se enlaçaria ao registro nominado, introduz a proposta do quarto anel com função de nominação, seja ela nominação simbólica, nominação imaginária ou nominação real. Assim, a particular amarração [Simbólico-Nominação simbólica]; [Real-Nominação real]; [Imaginário-Nominação imaginária] passa a se articular aos dois outros registros, franqueando novas modalidades de enodamento que repararam lapsos anteriores. Portanto, não seria privilégio exclusivo do simbólico amarrar as dimensões da realidade psíquica, mas também a nominação do Real e do Imaginário, e é o que encontramos no final do *Seminário 22: R. S. I.*

É entre esses três termos, nomeação do Imaginário como inibição, nomeação do Real como acontece de ela se passar de fato, quer dizer, angústia, ou nomeação do Simbólico, quero dizer, implicado, fina flor do Simbólico, ou seja, como se passa, efetivamente, na forma do Sintoma, será entre esses três termos que tentarei, ano que vem, e não é por ter a resposta que não vou deixá-la como questão, me interrogar quanto ao que convém dar como substância ao Nome-do-Pai (Lacan, 1974-1975, em 13/5/75).

Ainda nesse Seminário a principal particularidade do nó borromeano de quatro é que seus anéis formam pares não intercambiáveis em sua configuração. Desse modo, quando o quarto elo faz par com o Imaginário, temos a nomeação imaginária da qual participa a inibição; quando faz par com o Real, temos uma nomeação real da qual participa a angústia e, por último, quando faz par com o Simbólico, temos uma nomeação simbólica da qual participa o sintoma. Os componentes do trio freudiano – a inibição, o sintoma e a angústia – são elevados à categoria de quarto anel: Nomes-do-Pai que, redobrando cada um dos registros, podem enlaçar-se de modo borromeano.

Essa série – R, S, I. e as nomeações Imaginária, Real e Simbólica – pode se constituir de até seis combinações e nos possibilita pensar clinicamente a diversidade das amarrações do quarto elo para cada sujeito (Schejtman, 2012). E embora Lacan não tenha desenvolvido esse tema, o mesmo se mostra fecundo para se considerar, também clinicamente, a emergência das nomeações na adolescência.

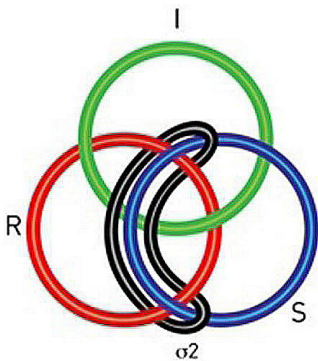


Fig. 3 - Nomeação Simbólica entre S e I

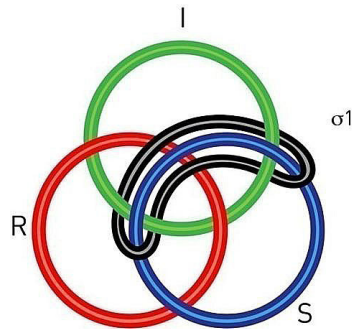


Fig. 4 - Nomeação Simbólica entre S e R

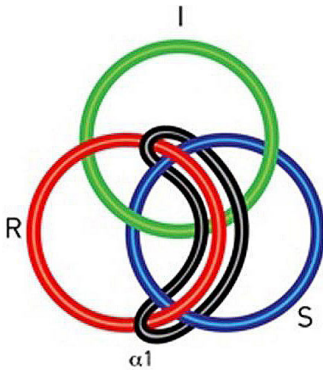


Fig. 5 - Nominção Real entre R e S

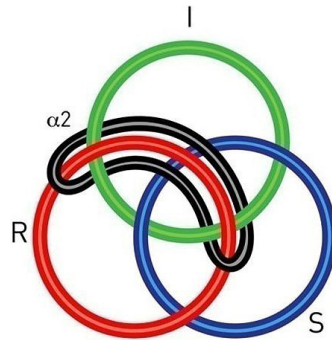


Fig. 6 - Nominção Real entre R e I

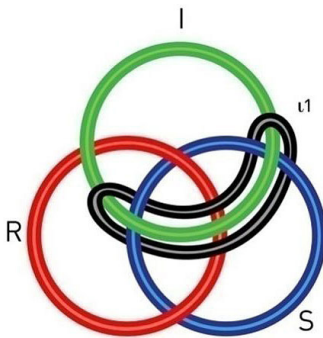


Fig. 7 - Nominção Imaginária entre I e S

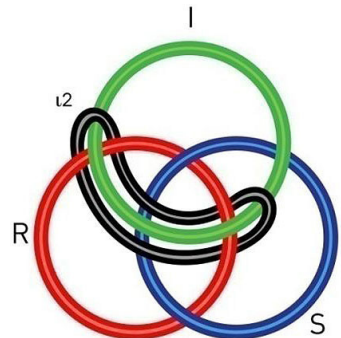


Fig. 8 - Nominção Imaginária entre I e R

Fonte: Adaptado de Schejtman (2013, p. 183-184)

O QUARTO ELO COMO “SINTHOMA”

Lacan introduz o termo “sinthoma” na conferência de 1975, *Joyce, o sintoma*, no *V Simpósio Internacional James Joyce* (2007). Nessa conferência, Lacan concede ao “sinthoma” a mesma função da nominção que havia trabalhado na última lição do *Seminário, livro 22: R.S.I.*, como um quarto elo que enlaça os registros do Simbólico, do Imaginário e do Real. Ele posiciona o “sinthoma” da mesma forma

que a função do pai na nomeação, concebida menos como nome e mais como nomeante.

O pai, como nome e como aquele que nomeia, não é o mesmo. O pai é esse quarto elemento – evoco aí alguma coisa que somente uma parte de meus ouvintes poderá considerar – esse quarto elemento sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real (Lacan, 1975-1976/2007, p. 163).

Já na primeira lição do *Seminário, livro 23: o sinthoma*, Lacan se refere à nomeação paterna como *père-version* ou versão paterna, relacionando ao “sinthoma” algo do Nome-do-Pai, mas destacando sua pluralização pela função de nomeação.

Digo que é preciso supor o tetrádico o que faz o laço borromeano – perversão quer dizer apenas *versão em direção ao pai* –, em suma, o pai é um sintoma, ou um sinthoma, se quiserem. Estabelecer o laço enigmático do imaginário, do simbólico e do real implica ou supõe a *ex-sistência* do sintoma (Lacan, 1975-1976/2007, p. 21).

O caso de Joyce foi considerado por Lacan como respondendo a um modo de suprir um desatamento do nó. Ele questiona se o desejo de “ser um artista que fosse assunto de todo o mundo” não é a compensação ao fato de o pai jamais ter sido pai para ele. Não seria isso uma compensação à demissão paterna? Fazer um nome próprio à custa do pai?” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 86).

No último capítulo do *Seminário, livro 23: o sinthoma*, Lacan aponta a localização do lapso do nó de Joyce em termos da demissão paterna, da *Verwerfung* em um ponto preciso da cadeia borromeana de três anéis: entre Real e Simbólico. O Imaginário se solta, desprende-se da cadeia e o Simbólico e o Real ficam interpenetrados.

A interpenetração de Real e Simbólico é discutida por Lacan por meio das falas impostas, que são consideradas o sintoma de Joyce. Ele destaca a justificativa de Joyce de que as falas impostas de sua filha Lúcia, que tinha um diagnóstico de esquizofrenia, advinham de sua telepatia. Lacan vai analisar que a atribuição dessa virtude a partir do que ele ouvia da filha é alguma coisa que está no prolongamento de seu próprio sintoma – a fala imposta.

No progresso de certo modo contínuo que sua arte constituiu, é difícil não ver que uma certa relação com a fala lhe é cada vez mais imposta – a saber, essa fala que, ao ser quebrada, desmantelada, acaba por ser escrita –, a ponto de ele acabar por dissolver a própria linguagem (Lacan, 1975-1976/2007, p. 93).

As epifanias constantes na obra de Joyce indicam o que faz sintoma como palavra imposta, que liga seu inconsciente ao Real. Trata-se de um inconsciente diferente daquele inconsciente metáfora, que liga S_1 - S_2 , aquele em que Lacan coloca Joyce como desabonado do inconsciente. O inconsciente aqui referido é o de fora do símbolo, da cadeia significante, o inconsciente enxame no qual um S_1 se desprende do inconsciente e, pelo lapso do nó, se enoda ao Real. É compatível com o que Lacan chamou, no *Seminário, livro 19: ...ou pior* (2012), de “Há Um”, que introduz a não relação sexual, pois é do Um sozinho que se trata. Um S_1 que não se encadeia com S_2 e que, assim, não comporta efeitos de significação (Miller, 2011).

O “sinthoma” de Joyce é trabalhado por Lacan como o tratamento dado pelo escritor ao seu sintoma das palavras impostas. A partir de sua obra, ele faz a reparação “sinthomática” do Imaginário em seu nó, compensando a demissão paterna pelo desejo de ser “um artista que fosse assunto de todo o mundo” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 86). Dessa forma, ele se faz um nome próprio e alcança um saber fazer com seu sintoma, cernindo um pedaço do Real e tornando possível fazer um laço com o Outro mediante sua obra.

Lacan faz referência no *Seminário, livro 22: R. S. I.* (1974-1975) ao lógico americano Saul Kripke (1980), que formula a “necessidade” de se nomear as coisas, distinguindo os nomes comuns dos nomes próprios e conceitualizando esses últimos como um “designador rígido”, no qual temos um único objeto sob seu nome.

É essa aceção do nome próprio que permite Lacan fundar uma teoria em termos de nome próprio de gozo, pois, se existe alguma coisa que singulariza um sujeito para além de sua estrutura clínica, é sua modalidade singular de gozo. Assim, é a relação do sujeito ao objeto *a* que precisará a sua verdadeira singularidade e então seu verdadeiro nome próprio que, ao modo do designador rígido de Kripke, permite nomear da maneira mais precisa possível a falta a ser do sujeito. O nome próprio

como nome do “sinthoma” – a modalidade de enodar os três registros RSI – designa um real ao modo de um designador rígido, sendo possível se nomear apenas a partir de um pedaço de real.

Se Lacan faz do Nome-do-Pai no *Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974-1975) *o Pai do Nome*, aquele que permite nomear as coisas, se tratará para ele de encontrar outras formas de nominação. Ele concluirá esse Seminário declinando três formas de nominação: nominação simbólica, nominação imaginária e nominação real (1974-1975, em 13/5/1975). Miller (2002) avançou que para cada um dos casos de Freud, *o Homem dos ratos*, *o Homem dos lobos*, o pequeno Hans – *o homem dos cavalos* – e Dora – *a mulher dos homens* –, nós poderíamos designar um nome de sintoma, que enquanto tal se inscreve, se autoriza ainda do Nome-do-Pai. Cada um dos animais designa uma modalidade de gozo para cada um desses sujeitos e determina a realidade psíquica para cada um deles, mas algo dessa nominação é articulada em torno do Nome-do-Pai.

O “sinthoma” permite obter uma nominação que cerne o real do gozo do sintoma sem forçosamente declinar o que o Nome-do-Pai articula como sintoma, inibição e angústia para um sujeito. Em Joyce é o “pedaço de real” que permite a ele se nomear, diferente das outras nominações que um sujeito encontra que são através da maneira pela qual ele se inscreve no Outro.

A SINCRONIA E A DIACRONIA NA CLÍNICA DE ADOLESCENTES

A escuta clínica de adolescentes nos permite hipotetizar a passagem adolescente como um momento singular na amarração do nó borromeano, pois esta implica em cortes reais estruturantes que rompem uma condição subjetiva anterior e refazem uma nova condição. O homeomorfismo, característica principal dos objetos topológicos, nos permite passar de uma apresentação de estrutura a outra, sem cortes e traumas. As estruturas continuam equivalentes (porém não semelhantes), mas as deformações são contínuas. Podemos também extrair as consequências desse homeomorfismo para a constituição do sujeito, pois a sua estruturação não se faz sem a diacronia de acontecimentos estruturantes que rompem com uma condição subjetiva anterior e provocam movimentos que refazem uma nova configuração.

Se o sujeito é instaurado desde a incidência do agente da linguagem sobre seu organismo, só podendo se representar entre significantes, nem por isso sofre todas as consequências dessa incidência de uma só vez. Depois de um primeiro corte real que retira o organismo de uma homeostase simbolizante primária, alçando-o à condição de ser faltante, outros cortes causados pela dimensão real da experiência psíquica irão complicar o desfazimento da lógica precedente e a instauração de novas condições de estruturação (Vorcaro, & Capanema, 2011).

A clínica psicanalítica nos permite formular a hipótese de uma diacronia lógica da estruturação do sujeito, pois é com a construção da fantasia que o sujeito responde ao desejo enigmático do Outro e somente após essa construção é possível responder por seu próprio desejo. Essa fantasia fundamental não se constrói de uma só vez, sendo necessários dois tempos lógicos, intercalados por um período de latência, para se produzir uma fantasia estabilizadora de sua relação com a realidade. A construção da fantasia não é somente dependente do Outro, mas também das contingências da vida e dos modos de relação do sujeito por vir com esse Outro que lhe coube (Amigo, 2007).

Trata-se da direção que Lacan aponta no horizonte, a partir do *Seminário, livro 10: a Angústia* (1962-1963/2005), onde assevera que a realização autêntica do sujeito só se efetua quando ele situa seu *objeto a* no campo do Outro, por meio da nomeação da marca que vai do *objeto a* à sua passagem para a história (1962-1963/2005, p. 365-366). Tal abordagem é efetuada pelo próprio Lacan ao nominar o quarto elo borromeano (1974-1975). No modo singular de atar os registros com os quais o sujeito *realizou, imaginarizou e simbolizou* sua realidade psíquica, ele terá que, por meio da *nomeação* do objeto que o causa, equacionar o laço que constringe esses registros. Trata-se, nessa operação nomeadora, de historicizar o objeto em sua existência, ou seja, distinguir o objeto que o causa ao nomear a que seu desejo se refere. Fazer valer o *objeto a* é então orientar-se a partir do objeto que causa o sujeito em direção ao que ele pode nomear em sua existência, como objeto de seu desejo.

Amparados no que Lacan nos ensina no final do *Seminário, livro 22: R. S. I.* (1974-1975 em 13/05/75), quando mostra que o nó borromeano de três cordas não é a norma para a relação de R., S. e I, podemos

hipotetizar que os três elos RSI serão delimitados na infância e latência, permanecendo, entretanto, precariamente ligados, ou mesmo apenas empilhados. A função do quarto elo será a de amarrar os três anéis soltos e assim resgatar a condição borromeana, que falta à constrição destes, o que se dará na adolescência, diante de um inédito encontro com o real do sexo: o impossível da relação sexual.

Desse modo, temos uma relação sincrônica determinada pela estrutura do Outro primordial, mas, ao mesmo tempo, inserida na diacronia das relações contingentes do sujeito com esse Outro e com o que pode ser imaginado como suprimindo suas faltas. Conforme Schejtman (2013, p. 242), mesmo que o nó borromeano seja considerado como Real por Lacan, nada impede que o tempo o afete; afinal, o tempo também é Real: “o realismo nodal de Lacan não exclui a dimensão temporal, a diacronia”.

Em 1974, Lacan (1974/2003) escreve seu comentário sobre *O despertar da primavera* e destaca um modo particular de versão paterna na obra de Wedekind - o Homem Mascarado que representa um dos Nomes-do-Pai.

Nesse mesmo ano, Lacan, em seu *Seminário 22: R. S. I.* (1974-1975), trabalhou o nó borromeano e a necessidade do quarto elo que enodaria Real, Simbólico e Imaginário. Esse quarto anel foi chamado de nomações paternas que manteriam a realidade psíquica enlaçada a um sujeito qualquer.

Podemos constatar a importância do período da adolescência para a construção de uma nomação própria que suporte o nó borromeano, é o momento em que todo sujeito terá que fazer uma versão paterna. Além da sincronia de estrutura, esse quarto elo supõe a diacronia de acontecimentos constituintes do sujeito. Não basta o “não” do pai, também não basta estar inscrito na Metáfora Paterna, é um momento em que todo sujeito tem que refazer esse nó do Nome-do-Pai, retrazando sua biografia e reparando sua imagem (Capanema, 2015).

EXTRATO CLÍNICO: UMA PORTA QUE SE ABRE PARA A LIBERDADE

O início do atendimento de Emerson³ se fez valer pela via da inibição, que se apresentou em sua vacilação de não saber se a porta da sala da analista estaria aberta para ele. Essa hesitação, que colocou em dúvida se a porta estaria aberta para ele, concentrou toda a sua questão entre

a liberdade ou ter que cumprir o destino mortífero dos homens de sua família. Essa porta que se abriu para dar lugar a um espaço de trabalho pela via da palavra é um símbolo por excelência de um dos Nomes-do-Pai, permitindo ao adolescente outra saída, propiciando-lhe um ancoradouro onde ele pôde começar a fazer sua própria versão paterna.

Esse desejo de atravessamento foi trabalhado por Lacan no *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963), por meio do exemplo da travessia do Rubicão⁴ por César, que marca o caráter inaugural do ato. Atravessar o rio Rubicão não significava uma dificuldade física, não significava que o rio fosse difícil de ultrapassar, mas era um ato fora da lei, visto que César, ao ultrapassar o limite autorizado, estava em transgressão.

Efetivamente, podemos tomar essa vacilação de Emerson e a metáfora da porta aberta como atos que inauguram algo novo, pois, com seu atravessamento, ele produz a inscrição de um novo desejo. Para Lacan, todo ato verdadeiro é um “suicídio do sujeito”. Isso quer dizer que ele pode renascer desse ato, mas de modo diferente. É o que constitui um ato propriamente dito: o sujeito não é o mesmo que antes (Miller, 1993). A vacilação de Emerson demonstrou um desejo de atravessar esse umbral, passar a outro lugar, mas, ao mesmo tempo, uma defesa ante esse desejo, e esse foi o tema tratado por ele no início de seu atendimento.

O primeiro assunto tratado por Emerson foi a morte do pai; este era usuário de drogas e morreu porque se envolveu com a “guerra de gangues”. A mãe de Emerson conta que deixava os filhos a cargo do marido, que não tinha trabalho fixo. Mais tarde, ele se envolveu com as drogas e a criminalidade, apesar de ser bom pai. Informa que Emerson sempre foi um menino nervoso, tendo frequentado um serviço psicológico em razão de dificuldades de aprendizagem. Ficava preocupada com a influência paterna, receosa que o filho seguisse o mesmo caminho. Mas o pai era exigente com os filhos, não admitia que eles ficassem na rua; queria que estudassem para ter uma vida melhor e nunca os deixava verem-no drogado.

Depois do assassinato do pai, Emerson compra uma arma de fogo para se vingar dessa perda. A dimensão do amor ao pai estava colocada para Emerson, assim como do amor do pai por ele. Embora esse pai fosse um “fora da lei”, houve certa função paterna cumprida por ele, em uma vertente fundamental do desejo do pai no exercício de sua paternidade.

O pai, por um lado, entrou no mundo da criminalidade, mas, por outro, manteve os filhos apartados da criminalidade. Mas esse traço da dualidade do pai também se fez presente em Emerson.

Lacan em *O seminário, livro 22: R. S. I. (1974-1975)* nos fala que a única garantia da função pai é que ele exerça a função de exceção. A função de exceção é realizada a partir de um sujeito, não importa quem, mas desde que seja alguém que venha fazer exceção à regra de ser apenas um entre outros. Lacan define a função paterna como função de sintoma $f(x)$, o que do inconsciente pode ser traduzido por uma letra (a), uma letra de gozo que se inscreve no corpo ao se fazer exceção.

Podemos ver que o pai de Emerson fez de sua mulher objeto a , causa de desejo. Essa dimensão do amor apareceu nas palavras da mulher ao falar do marido. Mas algo ficou falho ao realizar o tipo, já que no sintoma paterno estava incluído um modo de gozo transgressivo, que era entrevisto pelo filho.

Durante os primeiros meses de atendimento, Emerson tratava exclusivamente de sua vida amorosa. Encontrava-se dividido entre duas mulheres: a atual namorada – a “santa” – e a antiga – a “vagabunda”. Emerson tratou da dualidade de suas relações amorosas e essa dimensão do amor foi uma questão relevante para ele. Sabemos, desde Freud (1910/1989), que pode existir uma analogia entre a santa e a puta na degradação da vida amorosa do homem: o que se encontra, no consciente, dividido entre dois opostos, pode ser uma unidade no inconsciente. Emerson nomeou cada mulher encarnando um aspecto antinômico do pai: a santa como o que o pai era como marido e pai, e a vagabunda como o que o pai era como *drogadicto* e criminoso.

Certa vez, sua mãe relata que havia tirado Emerson do “morro”, pois ele se encontrava envolvido na “guerra” e ameaçado de morte por gangues rivais. Agindo com rapidez, ela consegue retirá-lo do local com a ajuda de um irmão, que o leva para morar com ele.

A partir de sua saída do morro, Emerson começa a se angustiar. Pergunta à analista o que acontecerá com ele se voltar para o morro e ela responde que ele poderá ter o mesmo destino do pai. Pede o seu aval para voltar, o que lhe é recusado. Ele concorda em ficar, sentindo-se como que exilado de sua pátria.

Nos atendimentos seguintes, alude à dificuldade de sua nova vida, “no meio do nada”. Toda semana comparecia aos atendimentos, esperando um aval para que pudesse voltar para o morro.

Relata que sua ex-namorada estava grávida e falou que “era dele”. Inicialmente, não acreditou, pois afinal ela o havia traído. Esperaria a criança nascer para fazer um exame de DNA. Ao conhecer a filha, Emerson encantou-se com ela, assumindo sua paternidade sem fazer o exame pretendido. Reatou o namoro com a mãe de sua filha e foram morar juntos.

A mãe do adolescente mostrava-se preocupada com o “comodismo” do filho. Também estava apreensiva, porque havia iniciado um namoro e temia a reação de Emerson. Em relação ao namoro da mãe, ele diz: “fiz uma promessa ao meu pai antes dele morrer, que não deixaria ela ter outro homem”. Sente-se culpado por ter traído a promessa feita ao pai, pois deixou sua mãe continuar o namoro sem intervir e até gostou do namorado dela.

Em sua análise foi possível trabalhar sobre a promessa feita ao pai e mais ainda sobre o gozo transgressor deste pai. “Este ano tive muitas mudanças em minha vida. Não foi fácil sair da vida do crime, dá muito trabalho”. No atendimento seguinte, leva sua filha para que a analista a conhecesse e fala que sua vida havia mudado muito depois de seu nascimento. A analista atesta isso e ressalta sua escolha pela vida e não pela morte – de uma outra construção possível da paternidade.

Nesse momento, Emerson relembra sua outra vida, a do crime, que sempre escondeu: “Todos os homens da minha família ou estão mortos ou presos. Só sobraram as mulheres!... [Depois que o pai morreu havia assumido o seu lugar no crime]. Muito tiro, guerra e mortes. Era uma loucura!”.

Sua vida foi, então, ameaçada: levou um tiro de raspão e sua mãe o tirou de lá: “Saí para não morrer ou ser preso. Não queria sair, mas agora não quero voltar! Nunca achei que fosse seguir o caminho do crime, eu estudava e jogava futebol. Sou muito novo, tenho 17 anos e toda a vida para aproveitar!”.

Relata um filme documentário do qual participou quando ainda estava no morro: “Era um filme que mostrava a violência do morro. Estava muito envolvido com o tráfico, andava armado, estava em guerra. Me perguntaram sobre o porquê de estar nessa vida e eu falei da morte do meu pai. Eu queria ver de novo esse filme!”.

De repente, surge uma nova mudança: Emerson vai morar com o tio, e sua mulher e filha voltam para o morro. O ciúme de Emerson retorna e ele chega a falar em tomar a criança da mulher. Em um dos atendimentos chega ansioso: foram levar a filha ao hospital. Não

levaram a certidão de nascimento e ficaram presos lá, pois eram menores de idade. Emerson consegue sair e pede ajuda a analista porque precisa pegar a certidão da criança.

Emerson segue a construção de sua versão paterna. A conotação de sua fala se altera, havendo uma elaboração subjetiva propiciada pela porta que se abriu quando iniciou seu atendimento e pela sua recente paternidade. Fala de seus atos infracionais de um outro lugar, de fora da cena da violência. Providenciou seus documentos, além de iniciar um curso profissionalizante. Faz planos de registrar sua filha: “Quero registrá-la independente de ser minha filha ou não. Eu a adotei e ela me salvou...”.

A CLÍNICA NODAL DE EMERSON

Durante a infância, Emerson se encontrava enlaçado em uma nomeação imaginária, entre Imaginário e Simbólico, sustentado no amor parental e cuidados do pai. Porém, mesmo amparado por uma nomeação imaginária, a dualidade paterna é pressentida, trazendo-lhe consequências subjetivas importantes, dado que se mostra nervoso e com dificuldades de aprendizagem. Ele faz uma amarração do seu nó borromeano pela via do sentido, tratando a dualidade paterna pela inibição do pensamento, identificando-se com o desejo do Outro, no caso com o receio da mãe de que ficasse como o pai.

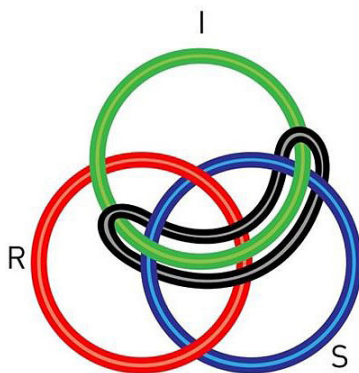


Fig. 8 - Nomeação Imaginária
Fonte: Capanema, 2015

Com a morte do pai e a entrada na adolescência, a nomeação imaginária que sustentava juntos Real, Simbólico e Imaginário se desfaz. O corpo muda, a imagem que tinha de si mesmo se desfaz, assim como a imagem que tinha do pai, uma vez que, com o assassinato, escancara-se sua outra vida, a da criminalidade. O campo do Real invade o registro do Imaginário e presentifica-se o gozo do Outro, causando-lhe angústia diante do medo de ser assassinado como o pai. Esse transbordamento do Real sobre o Imaginário comparece não como uma nomeação que enoda, mas sim como algo que o desenlaça.

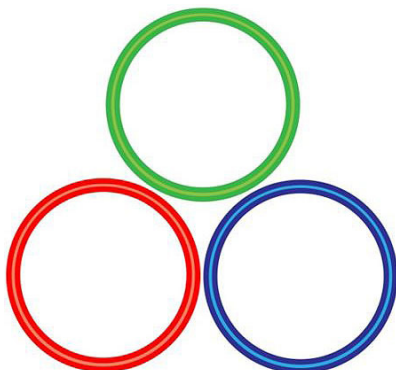


Fig. 9 - Desenho dos três elos soltos
Fonte: Capanema, 2015

Nesse momento, Emerson faz outra tentativa de nomeação imaginária, desta vez entre Real e Imaginário: ele tenta dar sentido ao gozo transgressor do pai, identificando-se com esse traço do pai criminoso. Ele compra uma arma e se envolve com a criminalidade, assemelhando-se, imaginariamente, ao gozo mortífero do pai.

Temos aqui uma nova nomeação imaginária dando sentido ao gozo do Outro que o invade com a morte do pai. Não se trata de uma nomeação real, mas uma nomeação imaginária a esse Real que transborda, uma identificação a um traço do Pai, empuxando-o ao pior por meio de inúmeras atuações.

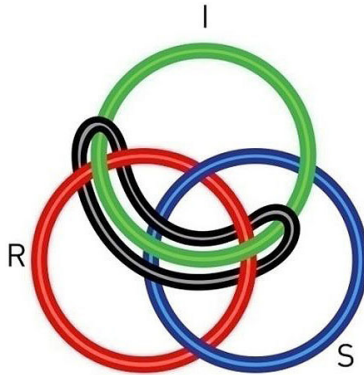


Fig. 10 - Nomenclatura Imaginária

Fonte: Capanema, 2015

Podemos estabelecer dois distintos momentos no tratamento de Emerson: um primeiro, em que a mãe e o tio o retiram do morro: ele se sente um exilado, e a única coisa que quer é voltar para lá com a autorização da analista. A analista cumpre uma função de causa de desejo, mas ocupando uma posição de firmeza que insiste em deixar aberto um espaço outro, distinto desse espaço mortífero da identificação com o pai.

Há uma fase de seu atendimento em que ele está identificado ao pior do pai, sem movimento, completamente inibido, instalado em um comodismo preocupante. Logo ele começa a se mexer, produzindo um movimento de desidentificação com o mortífero do pai. É também quando ele aceita o novo relacionamento da mãe e, então, assume a culpa por trair a promessa feita ao pai.

Um segundo momento, após ele se tornar pai, em que ele escolhe não voltar mais para o morro, e o tio passa a ser uma referência de que se pode viver em outro lugar. A paternidade para Emerson não está no lugar de resgate do mundo do crime, mas o que se verificou é que ela possibilitou uma nova amarração de seu nó borromeo, na qual ele pôde fazer uma mudança subjetiva, comprovada na forma como altera o discurso sobre o morro. Ele fala de outro lugar, já não é mais sua pátria, senão uma loucura! Tal fato é expresso por ele quando diz que gostaria de assistir novamente ao documentário do qual havia participado. Ele se vê

de outro lugar, sai da cena do filme. E ver-se de outro lugar é ver-se como outro... Ele já não é mais o mesmo do filme.

Diferente das nomações imaginárias que Emerson colocou em jogo anteriormente, agora ele encontra um uso *sinthomático* da paternidade que caminha no sentido da invenção: sem recursos para encarnar essa função paterna ele tem que se re-inventar como pai e encontrar um “savoir-faire” para poder ocupar esse lugar. É o que nos permite diferenciar aqui as nomações imaginárias precedentes, que tinham um laço com a imagem de seu próprio pai, com a invenção de uma versão paterna que lhe permite fazer um nome próprio no sentido do sinthoma.

Segundo Santiago (2006), quando se pode cifrar o gozo do pai como sintoma é que se tem a chance de dispensá-lo, mas com a condição de saber usar essa letra de gozo de forma que a satisfação pulsional se torne mais compatível com a vida. O atendimento de Emerson possibilitou que ele desse tratamento a essa letra de gozo a partir da presença da analista, construindo uma amarração mais sólida de seu nó borromeano em uma nomação sinthomática, entre Real e Simbólico, cernindo um pedaço do Real e tornando possível fazer um laço com o Outro.

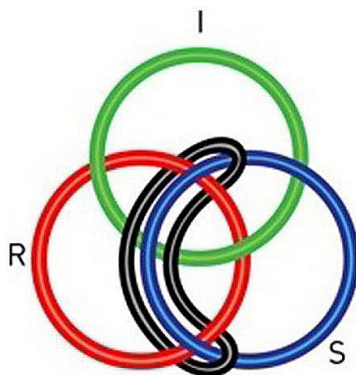


Fig. 11 - Nomação Sinthomática

Fonte: Capanema, 2015

CONCLUSÃO

Se, por um lado, a prática psicanalítica contemporânea tem constatado que a adolescência sugere o desatamento do nó que anteriormente estabilizava a sua condição psíquica, por outro lado ela também explicita que a própria adolescência se mostra como lugar particular em que o sujeito destitui o que até então teria feito função paterna para construir, elaborar e inventar uma versão nominadora, ou seja, um “Nome do Nome” (Lacan, 1974/2003).

Desse modo, não se trata de forjar para os adolescentes uma nova paternidade ou um novo pai, mas tomá-los em um dispositivo discursivo que lhes permita inventar novas maneiras de amarrar sua subjetividade, ultrapassando seja sua condição de impotência atribuída à carência de um pai na infância, seja a nostalgia de um pai que lhes serviria de garantia.

REFERÊNCIAS

- Amigo, S. (2007). *Clínica dos fracassos da fantasia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Capanema, C. A. (2015). A contingência da paternidade como forma de amarração do quarto elo do nó borromeano na adolescência. (Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil).
- Dafunchio, N. S. (2013). *Seminários: Clínica da sexuação* [Salvador, BA]; Inibição, sintoma e angústia: uma clínica nodal das neuroses [Recife, PE]. Salvador, BA: Instituto de Psicanálise da Bahia (IPB).
- Fajnwaks, F. (2014). Un nominalisme lacanien. In *Suites et variations. Actes des travaux du bureau de Rennes de l'ACF-VLB* (Association Cause Freudienne – Val de Loire – Bretagne).
- Freud, S. (1989). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. In Freud, S. [Autor], *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XI. Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Original de 1910)
- Kripke S. A. (1980). *Naming and necessity*, Harvard University Press – trad. fr. de P. Jacob et F. Récanati, *La logique des noms propres*. Paris: Les éditions de Minuit, 1982.
- Lacan, J. (1973-1974). *O seminário, livro 21: les nons-dupes errent*. Inédito.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: R.S.I.* Inédito.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original de 1969-1970)
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In Lacan, J. [Autor], *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original de 1972)
- Lacan, J. (2003). Prefácio a *O despertar da primavera*. In Lacan, J. [Autor], *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original de 1974)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller). Rio de Janeiro: Jorge: Zahar. (Seminário original de 1962-1963)
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sintoma*. (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original de 1975-1976)

- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário original de 1972-1973)
- Lacan, J. (2012). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. (Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Original de 1971-1972)
- Miller, J.-A. (1993). Jacques Lacan: observaciones sobre su concepto de pasaje al acto. In *Infornios del Acto Analítico*. (Colección Algoritmo). Buenos Aires, Argentina: Atuel.
- Miller, J.-A. (2002). *De la naturaleza de los semblantes*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, J.-A. (2011). L'être et l'un. In *Orientation lacanienne*, 3(13), Cours. Inédito.
- Millot, C. (2017). *A vida com Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Milner, J.-C. (1996). *A obra clara*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Santiago, J. (2006). A clínica da pai-versão: um adeus ao pai morto. *Revista Latusa*, 11, 73-89, São Paulo: EBP.
- Schejtman, F. (Comp.). (2012). Encadenamientos y desencadenamientos neuróticos: Inhibición, sintoma y angustia. In *Elaboraciones lacanianas sobre la neuroses*. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Schejtman, F. (2013). *Sinthome: ensayos de clínica psicoanalítica nodal*. Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Vorcaro, A. M. R., & Capanema, C. (2011). O efeito da puberdade na constituição subjetiva: A adolescência e a possibilidade do *sinthome*. In Leite, N. V. de A., & Milán-Ramos, J. G. (Orgs.). *EntreAto: o poético e o analítico* (p. 151-183). Campinas: Mercado das Letras.

NOTAS

- ¹ Vale lembrar que, ao utilizar o termo dimensões, Lacan salienta que não se refere a noção espacial intuitiva de dimensão, mas ao termo homófono *dit-mansion* (Cf. Seminário 20 [2008] e 21 [1974-1975], além do artigo “O aturditado” [2003]).
- ² Optou-se por traduzir *nomination* por nomeação e não por nomeação. No dicionário Houaiss, a nomeação é definida como o ato ou efeito de nomear ou ser nomeado, ou ainda, como a designação para um cargo ou função. Já a

nominação é definida como uma figura de retórica que consiste em dar uma denominação a algo que não tenha nome, e nesse sentido, leva-se em conta uma modalização singular inventada pelo sujeito, dando nome ao que não tem nome.

³ Nome fictício atribuído ao adolescente visando garantir o sigilo.

⁴ Em 49 a.C., o general e estadista romano, Caio Júlio César, atravessou o rio Rubicão com seu exército. O rio demarcava a fronteira entre a Gália Cisalpina, aquém dos Alpes, e a Itália. Segundo a lei romana, se um procônsul atravessasse o Rubicão com sua tropa de soldados, na margem norte da Cisalpina, rumo à margem italiana do rio, ele seria considerado criminoso e expulso da República. Com as palavras *Alea jacta est!* (A sorte está lançada!), César resolveu voltar com suas legiões à cidade, declarando, com esse ato, guerra a Pompeu (<http://www.portalentretextos.com.br/materia/a-travessia-do-rio-rubicao-pelo-general-caio-julio-cesar,5188>).

Recebido em: 27/02/2018

Aprovado em: 14/05/2018